

jogo: os homens, da mesma forma que Pulowi, vieram por uma abertura da terra, o que indiretamente coloca Pulowi, o ser que traz a morte, como responsável pela procriação social. Em consequência, o papel das mulheres, antes de gerar indivíduos, seria o de assegurar a continuidade social. Apesar de não totalmente convincentes, são, todavia, as concepções cosmológicas que guiam tais crenças e a prática, o que não é negado pelo autor. Mas essas concepções, por sua vez, seriam um reflexo das condições sociais e do meio. Para poder acompanhar este raciocínio, o leitor todavia se ressentia dos escassos dados etnográficos.

Apesar disso, trata-se nessa análise dos mitos e simbolismo Guajiro, em uma obra que brilha pela exposição do quadro simbólico encontrado, pelas inúmeras citações de explicações indígenas e recorrência a outro material da vasta literatura oral, e sobretudo pela logicidade de suas interpretações, além de ser bem ilustrada e apresentar extensas notas de rodapé.

James Holston. *A cidade modernista. Uma crítica de Brasília e sua utopia*, São Paulo, Companhia das Letras, 1993, 362 pp.

Antonio Carlos Fortis
Mestrando em Antropologia – USP

Etnografia crítica da cidade modernista, esse livro do antropólogo norte-americano James Holston submete a capital brasileira a um estudo de caso da empresa urbanística modernista.

Unidade representativa de análise, Brasília surge nessa leitura antropológica na condição de um contumaz insucesso tanto urbanístico e político quanto social e humano do modernismo de estilo internacional.

Incidindo prioritariamente sobre o modernismo da capital, a etnografia de Holston, no entanto, recorre a uma dupla perspectiva de investigação. De um lado, ele aborda o modernismo urbanístico e arquitetônico da cidade. De outro, procura penetrar a configuração do processo de modernização que ensejou a sua realização.

Neste último aspecto, o objeto de análise do autor passa a ser o comportamento político desenvolvimentista do Estado brasileiro enquanto proposta modernizadora. Esta dupla análise resulta em pareceres muito desiguais: se a tese de Holston apresenta Brasília em termos de um fracasso do urbanismo modernista, ele deixa, contudo, ao encargo do leitor a avaliação dos resultados da crítica que ele mesmo faz do processo de modernização que a trouxe à existência.

Desse modo, um dos elementos centrais dessa etnografia parece ser o propósito de identificar e de caracterizar a espécie de compromisso estabelecido entre MODERNIZAÇÃO e MODERNISMO, no caso de Brasília.

Adotando a técnica analítica – estritamente lógica – de proceder comparando as premissas ou intenções dos arquitetos, por uma parte, e as premissas ou intenções do governo, por outra, com os resultados da construção de Brasília conforme estes aparecem cristalizados na ordem social brasiliense, Holston reconstrói a cidade utópica como um conjunto de “premissas irrealizadas”. Premissas que os paradoxos implícitos em sua concepção destruíram já antes que o projeto fosse para o papel.

É que, por princípio, toda utopia tem inevitavelmente que contar com os elementos da realidade que nega – ao imaginar um futuro diverso – para vir a realizar-se. E, ao fazê-lo, o germe não utópico da realidade se desenvolve no seio da própria utopia até comprometê-la integralmente.

Embora essa oposição irreduzível entre “realidade” e “utopia” deixe extremamente vulnerável o pressuposto lógico que fundamenta o que Holston denomina “estrutura de premissas e paradoxos”, o argumento final com o qual ele demonstra sua tese – argumento este mais propriamente etnográfico e consistente – é o de que essa cidade modernista de estilo internacional, deshistoricizada e descontextualizada, foi amplamente reapropriada em termos nacionalizantes por parte da população de seus moradores.

Foi essa cotidianização do extraordinário, essa regionalização do internacional que de fato desintegraram os propósitos do modernismo racionalista que engendraram a cidade utópica, faz ver o autor.

Essa conclusão torna explícita para o leitor a natureza da problemática à qual Holston devotou seu livro: trata-se da globalização dos fatores culturais na modernidade. Questão cuja contrapartida, como bem mostra *A cidade modernista*, é a da reapropriação local que incorpora o transcultural em

termos locais. Importa notar que essa problemática da modernidade, que constitui o tema do livro, não é senão o fundante e perene problema da antropologia, ou seja, o problema da diversidade e da homogeneidade das culturas cujas relações entre os termos que o compõem estão sempre se refazendo e sempre sendo reconstruídas. O texto de Holston pode ser entendido como uma dessas reconstruções.

Explicitada a estrutura tema-problema-tese de *A cidade modernista*, podemos finalmente descrever como Holston constrói sua etnografia de Brasília.

O livro está dividido em três partes. Na primeira parte o autor deslinda a constituição do duplo projeto utópico – o modernista e o modernizador. Na segunda, ele contrapõe o projeto utópico modernista ao urbanismo existente no Brasil para revelar os processos de descontextualização que ele operou em relação ao último. É também aqui que Holston trata da história das relações sociais pertinentes ao urbanismo pré-industrial brasileiro (com a análise da cidade de Ouro Preto) opondo-a à desistoricização à qual o urbanismo modernista submeteu essas relações. Por último, Holston descreve o processo de re-historicização e da cotidianização da cidade utópica por parte dos brasilienses.

Cabe assinalar – para encerrar esta resenha – que, assumindo posições metodológicas não inteiramente novas mas bastante polêmicas, o autor considera inoperante para a análise o contraste entre sujeito e objeto de conhecimento na investigação. Holston também não reconhece que um conhecimento da sociedade objeto de investigação possa implicar no autoconhecimento para a sociedade do pesquisador. Considera ainda que o trabalho etnográfico – que designa “antropologia crítica” – impõe a necessidade de avaliar criticamente a realidade investigada mediante a produção discursiva ou contradiscursiva por parte do relator.

Não obstante isso ou talvez por isso mesmo, o estudioso da área de ciências sociais tem no livro de James Holston um importante exemplar de etnografia das sociedades modernas que lhe coloca a incumbência de decidir se o autor obteve êxito em seu propósito de ultrapassar “no campo” as questões com as quais se debate hoje a chamada antropologia pós-moderna.